

O Terrorismo e o Islão no pós-11 de Setembro - A Nova Era

O Islão assume cada vez mais um papel preponderante nos debates políticos, de segurança e de defesa inserindo-se num cenário de *terror global*, de discussão de fenómenos como atavismo, fundamentalismo, radicalismo, integrista, modernidade, identidade, e violência sob a forma de contenda armada ou de acção directa em nome do Ente Divino.

Quais as mudanças fundamentais no cenário terrorista pós-11 de Setembro?

Em primeiro lugar, a duplicação do santuário geoestratégico; ou seja o Afeganistão como centro doutrinário e operacional perde a qualidade de singular e acrescenta o Iraque nas mesmas funções.

Em segundo lugar, a perda de atracção relativa à Chechénia (após Beslan e a captura do líder rebelde Shamil Basayev) e à Bósnia (final da guerra 92-95) enquanto pólos de conflito armado.

Em terceiro lugar, e devido aos motivos anteriormente apresentados, o recrutamento jihadista e a formação de células são mais diversificados e heterogéneos, em termos de género (bombista belga), de nacionalidade, de etnicidade causando sérios obstáculos às Forças de Segurança Internacionais na caracterização de elementos padrão, materiais; instrumentos, localização, aquartelamento, alvos preferenciais, na estipulação de perfis e modos de actuação.

Em quarto lugar, a mediatização de personagens como Zawahiri, Bin Laden associadas ao movimento egípcio, Irmandade Muçulmana e consequente veiculação transnacional de mensagens disseminadoras de terror, como o são as *fatwas*, ou simples comentários televisivos.

Finalmente, a irregularidade do pensamento *jihadista* e o desconhecimento da Língua árabe por muitos dos seus agentes impele-os a construir o seu próprio glossário, com base em traduções de fraca fidelidade, e retiradas acima de tudo de fontes cibernéticas mais susceptíveis ao contágio do radicalismo islâmico.

De facto, a análise actual do Terrorismo na perspectiva da influência ideológica islâmica converge para a corrente Salafista, escola de pensamento ortodoxa, do ramo sunita, nascida na segunda década do

século XIX apelando ao regresso das tradições de devotos ancestrais, isto é, as três primeiras gerações de Muçulmanos; ao monoteísmo absoluto, *tawhid*; ao emprego exclusivo do Alcorão e da Sunna como fontes teológicas; obrigação de pureza encerrada no duplo princípio de *Jihad*, grande e pequena.

Da época soviética, nomeadamente do conflito no Afeganistão surgem também os movimentos migratórios marroquinos para os campos de treino, local de nascimento do Grupo Combatente Islâmico Marroquino, de ascendência neo-salafista, ou *Jihad* Salafista.

O conceito transformou-se durante a invasão do Afeganistão, na *Jihad* salafista, ou *al-Salafiyya al-jihadiyya*, cruzamento ocorrido entre a agressiva militância Wahabista (conservadorismo fundamentalista) e os argumentos de Sayyid Qutb de onde emana uma mentalidade jihadista, influência determinante na *Jihad* global moderna em geral, e em particular, nos guerrilheiros marroquinos.

Com efeito, apesar da debilidade da sua disposição e composição (militantes vindos da região de Salé, angariados nos quarteirões pobres, e na sua maioria, mercadores ambulantes), a *Jihad* Salafista custeia as suas actuações com os proveitos do trabendo. Facto patente nos atentados de Madrid de 2004, possibilitados pelo financiamento oriundo do tráfico de haxixe e ecstasy, e salientando uma vez mais o justo vínculo entre Terrorismo e criminalidade organizada.

A rede da *Jihad* Salafista espraia-se pela costa argelina ao abrigo do Grupo Salafista para a Prédica e o Combate (GSPC), movimento armado, extensível à al-Qaeda, e à sua filial no Iraque, actuante no Sul da Europa, especialmente em França e Itália, países receptáculos de células activas. Falsificação de documentos, providência de armas, financiamento, assistência logística a outros braços da *Jihad* europeia e preparação de atentados a ocorrer nos Estados Unidos e Europa constituem o cerne dos seus exercícios.

Como referido anteriormente existe uma autêntica ligação de interdependência entre o terrorismo e o crime organizado internacional (campos do Afeganistão dando para treino de combatentes islâmicos e para cultivo de opiáceos) intersecção entre grupos terroristas e composições criminosas na comunhão de ideais ilícitos similares; na

sobreposição de áreas de actuação, e/ou vias de comunicação; no intercâmbio de meios de actuação, de tessitura; e promoção de financiamentos mútuos empregando tráfico (estupefacientes, armamento, materiais explosivos, seres humanos) e instrumentos ilegais (sequestros, branqueamento de capitais, migração).

O micro-financiamento obtido através da delinquência de menor gravidade (pequenos furtos) pertence a pequenas células, com certa autonomia. Em oposição, o macro-financiamento refere-se a práticas financeiras internacionais e ilegais, como branqueamento de capitais, contas sediadas em paraísos fiscais que, pela sua envergadura implicam auxílio de elementos da diáspora, ou de outros militantes; a possibilidade de existência de um imposto revolucionário (*racket*); a edificação de empresas fictícias; e banditismo.

Na Argélia, os bandos terroristas armados bem como as associações criminosas recorrem ao *trabendo*, vocábulo derivado de contrabando suportando um modo económico ilegítimo, especulativo, corrupto, ancorado em contas no exterior, servindo os interesses instalados e aportando importações dolosas (tabaco, armas brancas, viaturas roubadas na Europa, moeda falsa, medicamentos genéricos); contudo público (*economia informal*), ordenado, hierarquizado, gerador de empregos e de lucros.

Internamente a Europa tem de integrar uma sempre crescente colectividade muçulmana (23 milhões, ou seja, 5% da população) incomodando a identidade colectiva e os valores da sociedade pública. A taxa de natalidade de Muçulmanos europeus é três vezes superior à dos não-Muçulmanos, resultando numa comunidade com uma população maioritariamente jovem. Paralelamente, e sobretudo nos Estados do Sudoeste europeu a pressão demográfica é mais sentida devido a um conjunto de factores – população idosa, a baixa taxa de natalidade não-muçulmana, a porosidade das fronteiras, a proximidade geográfica ao Norte de África, e a forte presença de imigrantes ilegais. Tariq Ramadan, neto do egípcio Hassan al-Banna (um dos fundadores da Irmandade Muçulmana apologista do regresso ao Califado, do fundamentalismo, do conservadorismo, anti-Occidental e principal fonte de inspiração de bin Laden) e reconhecida voz do Euro-Islão, elogia a liberdade religiosa

patente nas Constituições europeias e apela ao seu respeito.

Em Portugal, a Comunidade muçulmana minoritária, proveniente pluralmente de Estados africanos encontra-se negligenciada pelos analistas; bem como a vulnerabilidade e a permeabilidade portuguesa a fenómenos polemológicos *islamizados*; e, a potencialidade do conhecimento e técnica de combate em ambiente de contra-guerrilha e contra-subversão. Hoje, em dia assiste-se ao afluxo de imigrantes vindos do Paquistão, Bangladesh, e Marrocos e à utilização do território como local de descanso, de retirada, e principalmente de plataforma de suporte logístico à Jihad europeia.